

## A utopia do corpo feminino: uma tentativa de libertação<sup>1</sup>

Mirella PIMENTEL<sup>2</sup>

Ana Flávia FERRAZ<sup>3</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### RESUMO

O presente trabalho tem como proposta refletir sobre a importância da *performance* como arma política e desviante da norma, dando protagonismo aos próprios corpos femininos enquanto discurso de si. A *performance* é uma maneira de trazer assuntos silenciados ou constringedores para alguns, pois nela é possível suspender o tempo-espaco e adentrar em outras narrativas que alcançam profundidades humanas e experiências vividas. Neste artigo refletiremos sobre a tentativa de libertação dos corpos femininos através da busca por uma arte feminista utópica. Trataremos do corpo feminino, abordando diversas manifestações do que é feminino e tendo como foco principal a potência da arte da *performance* em libertar, ainda que por alguns instantes, estes mesmos corpos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Performance*, Utopia, Corpo, Feminismo.

### Introdução

Este trabalho discute a relação da *performance* com a construção dos corpos femininos utópicos, sua denúncia enquanto instrumento político e a tentativa de libertação por meio da narrativa artística utópica. Interessa-nos refletir sobre a arte da *performance* como linguagem motivadora e impulsora de produção de novos corpos, novas existências e novos limites. Um corpo utópico, que está sempre em outro lugar, pois, como diz Teixeira Coelho: “A arte é sempre um outro lugar: quando se põe o pé onde ela está, já está em outro lugar. Em algum lugar, em nenhuma parte” (1985, p. 7).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – INTERFACES COMUNICACIONAIS, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Artista do Corpo, Pesquisadora do Movimento, Co-fundadora e Intérprete-criadora da Coletiva Cênica "Corpatômica" e estudante de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas- Ufal. Bolsista da FAPEAL – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas no Projeto de Iniciação Científica **Poéticas feministas: reflexões sobre o teatro alagoano**, da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Flávia de Andrade Ferraz. E-mail: [pimentel.mirella@hotmail.com](mailto:pimentel.mirella@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação na linha Imagem e Som do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UnB, professora Adjunta II da Universidade Federal de Alagoas/Ufal/ICHCA e coordenadora do NEPED/UFAL/CNPq – Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas. E-mail: [aflaferraz@gmail.com](mailto:aflaferraz@gmail.com)

---

A *performance*, portanto, se propõe criar este outro lugar, outro corpo, outra existência, aquela que chamarei de utopia do corpo feminino. Qual o limite da descoberta deste “outro lugar”, quando e como se manter nele? O corpo como movimento utópico, uma produção de futuro, instaura um devir enquanto existência? Um vislumbre da utopia no corpo feminino em estado de *performance*? Um instante que não se estende e, apenas, se vislumbra?

A tentativa de libertação do corpo feminino em estado de *performance* é uma utopia? Uma vez que a existência, fora deste campo performático, continua opressora e degradante, este corpo que anuncia para, instantes depois, desaparecer, é apenas utópico? Não há continuidade deste corpo? Ou há? É possível viver a utopia do corpo feminino num cenário distópico? Como seria estar em estado de *performance* cotidianamente? Desconfiguraria o desejo? O corpo feminino como utopia é aquele apenas vivido idealmente nas *performances*? A *performance* figura, portanto, apenas na ideação, a corporificação de desejos? Se a *performance* não reflete a realidade, como atua sobre esta? Como chegar a este corpo? E como permanecer?

São questões por onde transitará o trabalho. Buscaremos refletir sobre essas teses através da análise de três *performances* feministas. Figuras no trabalho as *performers* Mary Vaz (AL), Dani Barsoumian (SP) e uma coletiva cênica: Coletiva Corpatômica (AL), partindo da ideia de Utopia elaborada por Foucault na conferência intitulada *O corpo utópico* (FOUCAULT, 1966) e de Teixeira Coelho em seu livro *Arte e Utopia: arte de nenhuma parte*.

Foucault afirma que o corpo é a natureza de onde provêm as utopias e para onde elas retornam; Teixeira propõe que a utopia deseja um outro lugar, enquanto a arte, no caso desta pesquisa, a *performance*, apresenta-se como este outro lugar. Nessa perspectiva, buscaremos refletir sobre a potência do corpo utópico na *performance*, se ele carrega apenas lugar de denúncia, limitando-se a uma tentativa de libertação, de transgressão da ordem, mas que não alcança a concretização dos desejos, possibilitados apenas no campo da *performance*.

### **Uma breve reflexão sobre a *performance* utópica**

Apesar de suas características anárquicas e de, em sua própria razão de ser, procurar escapar a rótulos e definições, a *performance* é, antes de tudo, uma expressão

---

cênica. Desse modo, um quadro exibido para um plateia não caracteriza uma *performance*; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la (COHEN, 2002, p. 28).

A partir da breve explanação de Cohen, podemos compreender que a arte da *performance* é, necessariamente, viva. Acontece no instante presente e exige que um corpo esteja presente nesse ato. Ademais, é uma expressão artística por natureza transgressora. Uma ação que instaura no espaço uma fissura, sendo ela sutil ou não, que inaugura um cotidiano modificado, reconfigurando uma lógica, desordenando uma ordem preexistente e possibilitando entendimentos e harmonias nunca antes experimentadas. Pode ser incômoda e desestabilizar padrões e valores de uma sociedade rígida. A *performance* lhe oferece uma xícara de chá à beira de um abismo, onde tomar um gole e cair podem ser tentativas de reconstrução, seja pelo líquido quente que desce pela garganta e o obriga a urinar logo após, seja pela queda livre que destrói um corpo por completo, exigindo mecanismos de restauração fora do comum – levantar-se então pode ser drástico e doloroso.

Gostamos de exemplificar as experiências com imagens, pois é uma maneira que nos aproxima do possível. Será nesta linha de entendimento de como a *performance* opera que caminharemos com o trabalho, porém, dentro de um recorte de gênero, enfatizando o corpo dito “feminino” ou aquilo que se entende por feminilidades múltiplas: todo e qualquer corpo que se identifique com o gênero feminino.

### **Corpo utópico: apresentando três possibilidades**

Na arte da *performance* feminista, influenciada pelo movimento de mulheres dos anos 1970, o corpo foi território de protesto político e cultural, narrando outras possibilidades nascidas da autonomia e da construção da própria mulher. A partir da constatação de que o corpo feminino sempre foi visto como posse masculina, de controle e repressão investida pelo patriarcado, a *performance* feminista encontra seu espaço de transgressão das e de negação às narrativas artísticas convencionais. Nas artes tradicionais, o homem sempre foi sujeito e criador, e a mulher, contempladora e objeto.

No campo da *performance*, essa lógica se desloca, tornando a mulher sujeita falante da sua própria existência, colocando em crise a cultura machista e desordenando a ordem até então constituída. A mulher como criadora da sua própria existência. A

---

questão que nos move neste trabalho é: a mulher só é sujeita quando na *performance* ou pode haver a continuidade desse corpo feminino utópico? A subversão da ordem constituída ocorre? Essa subversão dura apenas os instantes do ato performático? Como pensar em processos transgressores e emancipadores no contexto em que vivemos, no qual os dados de feminicídios só aumentam, a misoginia e desigualdade de gênero só crescem, se a possibilidade de mudança só dura no instante da *performance*, uma vez que fora desse instante quem continua a ditar nossas existências é o patriarcado?

São contradições que atravessam a *performance*, sob a possibilidade de criação de um corpo utópico ou de um corpo denunciante, porém com hora marcada para o seu término. Não existe de fato uma extensão. Ou existe? É possível tornar este corpo feminino utópico na *performance*? É possível ampliar essas formas de existências? O que pode uma *performance*? O que pode a arte? O que pode a comunicação através do processo artístico?

A *performance* como crítica social foi utilizada como meio de ativismo e intervenção, discutindo identidades minoritárias, dissidentes, subalternas, tornando o espaço do corpo estratégico para a manifestação de transgressões por meio de paródias e ironias, por exemplo. Em outras palavras, a arte performativa foi usada como laboratório para desconstruir identidades hegemônicas e criar consciência política. (MAGALHÃES; LEAL, 2016, p. 104).

Neste trabalho, iremos refletir sobre as seguintes *performances*: *Mamilos*, da Coletiva Corpatômica (AL), *A Carne*, de Mary Vaz (AL), e *Mulher*, de Dani Barsoumian (SP).

#### Mamilos – Coletiva Corpatômica – AL

A *performance* se passa num espaço fechado; público e *performers* entram no mesmo momento. São três mulheres que se misturam com outras pessoas. Ao entrar, há no espaço certa quantidade de cadeiras espalhadas, sem ordem. Cada pessoa se senta onde deseja. Quando todas as pessoas se acomodam, a luz se apaga; no retorno da iluminação, há três mulheres de seios à mostra, apenas de calcinha vermelha. Elas encaram o público por mais ou menos cinco minutos, num silêncio absoluto e absurdo. Depois se levantam e vão em busca de garrafas de vidro que estão distribuídas pelo espaço; pegam as garrafas e entregam-nas nas mãos de outras mulheres. Então elas caminham pelo espaço lentamente, encarando intimamente todas as pessoas que estão

distribuídas pelo espaço. No decorrer do tempo, aceleram o passo até começarem a correr e saltar entre as pessoas, criando uma forte tensão no ar. O som dos pés descalços correndo no piso de madeira é absurdamente alto e os saltos por cima das pessoas são provocadores. Elas param distribuídas aleatoriamente pelo espaço e a luz se reduz, restando apenas três focos a pino em cada canto do espaço, formando um desenho triangular (algo altamente sugestivo e provocativo). Elas vão ao chão e começam a se mover pelos pés, lentamente. Conforme o movimento chega a outras partes do corpo, há uma espécie de dança, mais selvagem, com quedas e recuperação, causando forte impacto no chão e ainda mais ruído. Mais um pouco à frente, elas ficam na vertical e começam a dançar mais rapidamente, soltando sons pela boca, suspiros altos, gemidos. É um momento catártico. Logo após esse momento, a iluminação do início retorna, desmontando os três focos em triângulo e trazendo novamente as mulheres a encarar o público na vertical. Elas param em frente a alguns homens e soltam uma frase: “Me molha!”. Eles, quase como um fetiche, aceitam e começam a molhá-las com um líquido vermelho, gosmento. Seus corpos estão agora marcados por algo que nos remete ao sangue. Alguns homens espectadores tocam em seus corpos, outros jogam o líquido com desprezo e violência. É completamente impactante esse momento. Até o líquido esgotar e elas voltarem ao início, sentadas, olhando para todos os presentes. Mas agora elas têm esse líquido a escorrer por seus corpos. A luz se apaga por completo e já não é possível enxergar mais nenhum corpo ali. Quando a luz retorna, as cadeiras delas estão vazias.

#### A Carne – Mary Vaz – AL

O espaço é a rua. Mary aparece com uma roupa toda branca, um vestido que possui alguns cortes, onde acomoda pedaços de carne crua. Há mosquitos que rondam seus passos... Ela para no centro e se ajoelha, tirando uma carne de cada vez dos espaços da sua roupa, e vai acomodando-as no chão. Ao final desta ação, ela pega uma agulha e linha e costura essas carnes umas nas outras, pedaço por pedaço, e coloca em seu pescoço como se fosse um colar. O cheiro de carne se espalha no ar e a náusea é inevitável. Começa uma música de cunho feminista da banda Mulamba: “PUTA”. Ouve-se um grito agudo no centro da cidade. E na periferia? Quantas? Quem? O sangue derramado e o corpo no chão. Mary começa a dançar, variando entre movimentos leves e movimentos mais pesados. A situação provoca aflição: as carnes penduradas ao redor

do seu corpo, as moscas todas sobre ela, o cheiro de carniça... Há um detalhe que faz toda a diferença: sua boca guarda um grande pedaço de carne, pois as bochechas estão grandes e ela, em alguns momentos, quase as coloca para fora. Por fim, ela retira essa carne da boca; saem três pedaços de coraçãozinho de galinha. Uma mulher vestida de branco retira corações de sua boca. O nojo se mistura com o impacto dessa ação. Após retirar os pedaços de coração inteiro da boca, ela se levanta e se retira.

### Mulher – Dani Barsoumian – SP

Dani está num espaço semiaberto, onde há uma mesa com alguns objetos: tesouras, batons e pequenas caixas de papelão para presente. Ela senta no chão com uma navalha, um pote de vidro com água e começa a depilar o sovaco, as pernas e a genitália. Inicia pelas pernas; conforme retira os pelos e os coloca a seu lado, ela pega um batom vermelho e passa no local depilado. Faz isso em todas as partes que depila e, logo após, coloca os pelos nas caixas de presente e entrega ao público, até ficar totalmente nua, com a virilha e a vulva depiladas. Quando está completamente depilada e vermelha, ela levanta, embrulha-se num papel de presente enorme com um laço branco em sua cabeça, e então se aproxima de cada pessoa que a vê e pergunta: “Foi você quem me encomendou assim?”.

Os três trabalhos retratam narrativas de violência e denúncia relacionadas àqueles corpos femininos presentes na ação. Nossa proposta neste trabalho é investigar quais são os momentos utópicos que cada *performance* busca e apresenta; e se há a construção deste corpo utópico, que se instaura apenas no espaço da *performance*, ou se há tentativas de libertar-se de limites impostos socialmente, para além desses instantes.

Em *Mulher*, a maioria do tempo se passa numa explícita violência que aquele corpo sofre para se manter num padrão estético construído socialmente. A *performance* nos fala sobre a necessidade de enquadrar o corpo feminino num modelo ideal de beleza. Este corpo se torna objeto de uma norma que dita como ele deve se apresentar para a sociedade, anulando assim sua subjetividade e asseverando que aquele corpo é encomendado por alguém. Esse alguém é o patriarcado (e o capitalismo), que se beneficia com essa invenção doentia sobre como deve ser um corpo feminino.

A utopia do corpo feminino nesse espaço-tempo é o instante que não chegou. É aquele lugar por trás destas ações violentas. É a idealização de um corpo distante da

---

realidade afirmada na *performance*. É um corpo do devir. Seria então um corpo em tentativa de libertar-se daquilo que acorrenta seus movimentos. A utopia ficou no vão das ações propostas. Ela estaria em outras camadas da *performance* como o contrário daquele corpo encomendado socialmente. Definitivamente, a denúncia se fez presente em todo instante, reforçando aquilo que o corpo feminino não é ou não deveria ser.

Em *Mamilos*, há instantes de utopia, quando as *performers* estão sentadas com seus seios expostos, ao lado de outros corpos vestidos. Constrói-se um espaço seguro e de naturalização daquela parte do corpo, que é extremamente estigmatizada e sexualizada socialmente: os seios. Possivelmente cria-se um espaço onde elas podem existir como são, despidas de qualquer medo e objetificação. Sentadas em silêncio, elas carregam a utopia do corpo feminino em estado de presença, em confronto com o público que se questiona sobre seus próprios constrangimentos e assédios. Naquele instante, há a produção de três corpos utópicos femininos que existem em integridade, igualdade e segurança durante todo o tempo da *performance*. Elas continuam daquela maneira durante toda a ação, gozando de uma liberdade que ali lhes é permitida.

Em *A carne*, a violência e a denúncia são mais presentes. Os pedaços de carnes que a *performer* arranca de si mesma é o reflexo de uma sociedade que não aceita essa carne, ou da sociedade que transforma a mulher apenas em carne. São representações de carnes que precisam ser tiradas de cena, pois não cabem nesta sociedade violenta. O momento em que ocorre a utopia daquele corpo é quando a *performer* começa a costurar os pedaços retirados dela mesma e faz um colar, carregando consigo aquilo que não foi aceito, ressignificando as violências sofridas e apropriando-se das feridas causadas por uma existência tida como inadequada. Ela, então, dança com o peso da liberdade, deliciando-se com aquilo que lhe foi retirado agressivamente, tornando um corpo utópico no instante da transgressão daquela lógica que lhe impôs normas e ordens.

### **O que pode a arte utópica?**

Há distinção entre o que é a denúncia e o que é utópico? Um corpo que está presente, afirmando suas demandas e a violência sofrida, pode tornar-se um corpo utópico? A tentativa de libertação se dá apenas naqueles instantes do ato? A sociedade aceita esses corpos exatamente como se colocam naquele instante performático?

---

Nossa proposta é gerar reflexões sobre a *performance* enquanto extensão da vida cotidiana. Se, como afirma Ferreira Gullar, “*A arte existe porque a vida não basta*”, e se a vida, assim como se nos apresenta, não basta para nós mulheres, pois morremos por sermos quem somos, então ainda há necessidade de construção de novos mundos onde esses corpos utópicos femininos possam existir. Enquanto todos esses corpos não estiverem efetivamente livres, as *performances* serão necessárias. O gosto da liberdade está na língua, mas não por muito tempo. O frescor do vento só bate no rosto por alguns minutos.

Foucault, em *O corpo utópico, as heterotopias*, exemplifica o conceito de utopia e heterotopia com uma imagem muito interessante; ele cita o exemplo do espelho. A imagem que vemos refletida no espelho é uma utopia, uma imagem que está em outro lugar, porém o espelho enquanto matéria é a heterotopia, um espaço no qual as utopias podem nascer. Coloco esse exemplo dentro da pesquisa como a *performance* a representar a matéria do espelho, pois é uma linguagem que gera um “espaço”, uma possibilidade outra de espacialidade enquanto contorno de uma ação executada num determinado lugar, que, contudo, se modifica a partir da imagem que se vê refletida nela. Assim, a utopia do corpo feminino seria a imagem que se apresenta no espaço-*performance*. Em tempos atuais, as redes sociais são heterotopias, pois são espaços possíveis que representam utopias: o que vislumbramos ser, mas não o somos efetivamente.

Se a utopia está sempre num outro espaço-tempo, porque a imagem refletida no espelho se resume a isso, conseqüentemente, é inviável para uma sociedade conservadora que a liberdade do corpo utópico feminino seja exercida. Assim, a *performance* é um campo do possível, esse espelho onde podemos nos ver estando em outro lugar. É a percepção da ausência, do que se deseja.

Há apenas um corpo utópico feminino? Não. Há um campo de possibilidades na *performance* onde esses corpos se colocam e vislumbram a completa liberdade. Compreende-se então a existência mais íntegra, original e viva, porém com tempo marcado para o seu fim. A *performance* é a autora do corpo feminino utópico, no qual a mulher pode existir, ser ouvida e expor todas as suas subjetividades e inquietações, embora apenas por instantes, numa tentativa de desfrutar a liberdade em público. “Meu corpo é como a cidade do sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos” (FOUCAULT, 1966, p. 14).

---

Retornando ao exemplo do espelho, sendo a imagem refletida a utopia, questiono-me sobre os olhares que enxergam a imagem em si e de quem são os corpos que olham para este reflexo. Seria uma construção de forma a enxergar o corpo feminino? Quem está enxergando este reflexo? O que a *performance*, enquanto heterotopia, modifica nos olhares de quem observa a existência da utopia? Seria um campo de proteção, amparo e suporte para a existência? Certamente. A construção desses outros espaços para entender onde estava a ausência, como assinala Foucault, “é se perceber ausente no lugar que se está”. Essa ausência é o reflexo de um corpo utópico que apenas se mostra presente no ato da *performance*.

Por que ainda precisamos da construção dessas heterotopias? De espaços que contestam todos os outros? Um sistema que isola o que está no entorno? Que suspende o tempo? A *performance* é um espaço onde as mulheres podem se reinventar, deslocar os significados normativos sobre seus corpos, tornando-se anacrônicas, atemporais, férteis e potentes. Novo oxigênio. Nova respiração. Novo ar.

A *performance* é uma abertura para utopias que ocorre num determinado espaço e tempo, deixando marcas na existência de quem as vivenciou, enquanto público e enquanto *performer*. Essas marcas podem ser determinantes para a construção de uma nova narrativa privada, mas não podemos ignorar a sociedade na qual vivemos, absurdamente violenta e opressora com os corpos femininos em seu cotidiano. Então, aquele feixe de esperança que a *performance* lançou no espaço é passageiro e fugaz. Estar em *performance* é como um berro dentro d’água; as bolhas que saem são insignificantes para a compreensão, já que somente o grito é ouvido. Mas ninguém aqui vive dentro da água o tempo todo, então, quando se está fora dela, a brutalidade assola novamente.

Pensar a libertação desses corpos é pensar uma sociedade completamente diferente desta em que vivemos hoje. Há aqui uma dualidade, entre vida cotidiana e *performance*, pois se a vida fosse uma eterna fissura performática e a narrativa desses corpos fosse legitimada, não haveria motivo ou necessidade de fissuras, pois já viveríamos o ideal dos corpos livres. Se perdemos a necessidade da *performance* é porque chegamos a uma sociedade justa, empática, livre e engajada.

Como Eduardo Galeano aponta:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por

---

mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (1994, s.p.)

Necessitamos da *performance* para quebrar padrões, lógicas, ideias, tempo, espaço e corpos. Se precisamos de segundos de libertação conjunta, significa que no restante do tempo estamos aprisionadas numa estrutura rígida e cruel.

### Referências bibliográficas

BORBA, Correa Elton. **Corpo e utopia**: um ensaio sobre corpos utópico-políticos a partir de Ernst Bloch e Michel Foucault. Disponível em:

[https://www.academia.edu/30371593/corpo\\_e\\_utoxia\\_um\\_ensaio\\_sobre\\_corpos\\_ut%C3%93pico\\_pol%C3%8dticos\\_a\\_partir\\_de\\_ernst\\_bloch\\_e\\_michel\\_foucault](https://www.academia.edu/30371593/corpo_e_utoxia_um_ensaio_sobre_corpos_ut%C3%93pico_pol%C3%8dticos_a_partir_de_ernst_bloch_e_michel_foucault)

Acesso em: 21/9/2020.

COELHO, Teixeira. **Arte e Utopia**: arte de nenhuma parte. São Paulo: Ed Brasiliense, 1987.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes?** Disponível em:

<https://www.revistaprosaveroearte.com/para-que-serve-a-utoxia-eduardo-galeano/>.

Acesso em: 21/9/2020.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MAGALHÃES, Leonilia. LEAL, Priscila Cruz. **A arte performática**: corpos e feminismo. Revista do centro de pesquisa e formação/ N3, novembro 2016.

MOTA, Gilson. ALICE, Tânia. **A(r)tivismo e utopia no mundo insano**. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/577>.

Acesso em: 21/9/2020.

SOUZA, Morais Cidoval. **Um convite à utopia**. Campina Grande: EduePB, 2016.